



RESENHA

SILVEIRA, Sirlei Aparecida. *Em busca do país do ouro: sonhos e itinerários*. Cuiabá: Carlini & Caniato; EduFMT, 2009.

The pursue of the country of gold, availed by Sirlei Silveira

Sabrina Mesquita do Nascimento – Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo NAEA-UFPA. Email: sabrinaufpa@hotmail.com

Simy de Almeida Corrêa – Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo NAEA-UFPA. Email: simycorrea@yahoo.com.br

No livro “Em busca do país do ouro”, Sirlei Silveira¹ procura resgatar a trajetória do projeto expansionista do mundo ocidental, representado pela Europa conquistadora do final da Idade Média, sobre as terras desconhecidas da América. A busca pelo ouro é seu fio condutor para analisar a empreitada dos conquistadores sobre novas terras, e o imaginário associado a este metal e ao mundo fantástico concebido para além do continente europeu.

A riqueza associada ao mundo desconhecido representa, segundo Silveira, uma das grandes motivações que levou os conquistadores a avançar, sobretudo em direção à América, entre os anos 1400 e 1600. Segundo a autora, as míticas concepções da Antiguidade Clássica sobre o Novo Mundo serviram de inspiração para que a Europa criasse sua própria concepção calcada em visões escatológicas de uma terra que abrigava infindáveis riquezas e seres fantásticos. Dentre os mitos mais fortes que estimulavam as grandes conquistas, encontra-se o do “*El Dorado*”, que representa uma síntese da busca desenfreada por novas riquezas e que vai marcar de maneira decisiva o processo de conquista e ocupação das Américas.

¹ Sirlei Aparecida Silveira é socióloga, vinculada à Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e o livro “Em busca do país do ouro” é originado da pesquisa desenvolvida como sua tese de doutorado, no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, na Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

O livro está dividido em quatro capítulos, e o desenvolvimento se dá por meio de narrativa, pela qual a autora realiza uma releitura deste processo de conquista, à luz da Antropologia, Literatura, Filosofia, História e Sociologia.

No primeiro capítulo “A Geografia Fantástica das Índias”, a autora procura identificar e interpretar a visão que o europeu construiu sobre a Índia e destaca que “o oriente era quase uma invenção europeia”. As riquezas, a exuberância *imaginada*, *inventada* eram como compensações ao mundo medieval judaico-cristão, onde a Índia era, ao mesmo tempo, berço das maiores riquezas e abrigo de terríveis monstros. Com base em relatos e escritos de viajantes e estudiosos da época (a exemplo de Ceceo d’Ascoli, astrônomo e professor da Universidade de Bolonha no séc. XIII), a autora dá subsídios para o entendimento do imaginário que se formou a princípio sobre a Índia e que, posteriormente, se estende às Américas.

Silveira aponta, neste capítulo, que os movimentos estimulados, simultaneamente, pelo vazio circundante que assombrava o homem europeu e pelo desejo de exploração do desconhecido, criam uma espécie de pré-colonização pela imaginação, em que a geografia real estava circunscrita à geografia imaginária. É desta maneira que, efetivamente, tem início a expansão sobre o Novo Mundo, a partir da segunda metade do século XIII. Nesta primeira fase, que vai até o início do século XIV, destaca-se a figura do viajante Marco Polo, cujas experiências iriam enriquecer com aspectos geográficos e etnográficos as concepções da Europa sobre o Oriente. É importante destacar que a autora pontua que o avanço das navegações para terras mais distantes do continente é possibilitado pelo crescimento engendrado pelos próprios relatos dos viajantes, aperfeiçoando-se com isso, a própria geografia, além da astronomia e da indústria náutica. Um dos eventos mais marcantes deste ciclo é a própria invenção de instrumentos como a bússola e o papel.

Outro fato importante destacado neste capítulo é a aparição do navegador Colombo, representante da Coroa Espanhola, que, à época, inverte o sentido da navegação e passa a ir em direção ao Ocidente, movido pela ideia de dar a volta na Terra, pois, acreditava ser uma maneira mais rápida de encontrar as regiões que guardavam cobiçadas especiarias. Era inaugurada, assim, uma nova rota de navegação pelo Atlântico, que levaria Colombo para a América, onde fatalmente ancoraria em uma de suas incursões, ampliando, segundo as palavras da autora, o espectro de terras do mundo até então de existência não imaginada.

A partir disso, no tópico “América: a imagem refletida da Índia”, desenvolve a ideia de que “a América não foi descoberta e sim inventada”, partindo dos pressupostos criados anteriormente na Europa em relação às Índias. Sirlei comenta que nem mesmo os relatos de Colombo conseguem separar o mundo americano

do asiático, refletindo ideias que sustentavam as imagens criadas para o Oriente. Desta maneira, a autora chega à compreensão de que, na realidade, a América real foi forjada com base em símbolos e arquétipos que precederam seu descobrimento e tornaram-se o referencial imagético que determinou o olhar de Colombo, que segundo seus estudiosos, buscava em tudo indícios capazes de comprovar suas teses geográficas e cosmográficas, permeadas de fantasias, sobretudo em razão de que os que financiaram as expedições aguardavam respostas de que riquezas fascinantes haviam sido encontradas no Novo Mundo. Em outras palavras, a América estava justificada por uma riqueza hipotética, incerta. Desta maneira, as primeiras concepções sobre o novo continente são menos reais e mais forjadas, como sugere Sirlei. Tais teses acabam por estimular, também, os conflitos entre as grandes potências da navegação, o que resulta em uma explosão de novas expedições rumo às Américas, cuja “descoberta” estava entrelaçada por uma série de teorias fantásticas criadas no interior da mentalidade europeia.

No segundo capítulo “Os Sonhos Luzidios”, Sirlei projeta luzes sobre a relação das grandes expedições em direção à América em busca do ouro, que é o que, afinal, justifica grande parte das viagens empreendidas ao continente recém-descoberto, segundo consta nos diários dos exploradores e de seus biógrafos. Tentando entender de onde parte o insaciável desejo de riqueza, sobretudo de Colombo, Sirlei propõe que as raízes da busca pelo “sonho dourado” estavam fincadas em épocas pretéritas, que antecedem ao período das grandes viagens, muito embora o valor do ouro passe a se destacar no avanço de novos processos econômicos tais, como o capitalismo. Mas o certo é que existe uma associação imemorial do ouro a elementos e práticas religiosas, políticas e culturais da humanidade, presentes desde os seus primórdios, conforme sinaliza a autora. O fascínio deste metal sobre o homem é complexo e cercado tanto de elementos químicos (como o fato de o ouro ser o metal mais puro encontrado na Terra) quanto de elementos mágico-religiosos, como, por exemplo, sua associação ao Deus Sol, identificado nas mais variadas culturas mundo afora. Sobre o ouro e sua forte presença no Oriente, Sirlei destaca as descrições bíblicas do reino de Salomão, rico e dotado de grandes avanços sobre diversos territórios, em razão das minas que garantiam as riquezas do reino e sua supremacia sobre os demais. Além do imaginário de riqueza que cercava as descrições do reino de Salomão, a autora também aponta para os relatos sobre a existência províncias auríferas no Extremo Oriente. Segundo Sirlei, o enorme desejo do homem pelo ouro despertado em meio a todas as construções imaginárias e pressuposições cartográficas da presença do metal em alguns pontos da Terra foi o que o mobilizou nesta busca e impulsionaram, definitivamente, os novos avanços geográficos do homem,

sobretudo o europeu, cujo solo não gozava desta riqueza em termos de metais preciosos.

A expansão comercial também é destacada como um fator decisivo no avanço do processo de busca por ouro, em razão das rápidas mudanças que se passavam nos ambientes econômicos com o estabelecimento de um novo arranjo monetário, baseado, sobretudo, na circulação de moedas de ouro, adotadas como a medida padrão nos processos de trocas comerciais na Europa. Estes fatores são determinantes e acabaram por tornar as Grandes Navegações um fato inevitável. Neste cenário, vão se destacar os exploradores espanhóis e portugueses. Entre os primeiros, a autora enfatiza novamente a figura de Colombo, pelo grande empreendedorismo exercido por ele àquela época.

Enfim, no terceiro capítulo “O Ouro nas Índias Ocidentais”, Sirlei trata especificamente das empreitadas europeias nas Américas. O primeiro retorno de Colombo do Novo Mundo foi bastante celebrado e impressionavam os relatos dos primeiros desbravadores, que afirmavam a existência de um mundo espetacular, com gente desnuda, muita água, especiarias em abundância e grandes minas de ouro. Os nobres e a igreja da época convocaram Colombo a traçar novos planos de viagem e de colonização das Índias Ocidentais, como a princípio ficaram conhecidas as “novas terras” e, sobretudo, almejavam marcar a supremacia espanhola no âmbito da grande “descoberta”.

Desta maneira, a segunda viagem foi muito mais pomposa, com cerca de dezessete grandes navios preparados para seis meses, entre ida e volta. Segundo Sirlei, esta segunda viagem marcaria o início da migração europeia ao Novo Mundo e que, posteriormente, passa a se dar de maneira desenfreada, sobretudo em busca das incomensuráveis riquezas tão propaladas por Colombo e outros navegadores. De tais riquezas, destacava-se o ouro, sempre ocupando o posto de metal mais desejado. Sirlei ressalta que mesmo que muito do que fora propagandeado acerca das Índias Ocidentais fosse incerto, algumas expedições obtiveram sucesso na busca pelo ouro e outras preciosidades, retornando com satisfatório carregamento de pepitas, pedras preciosas, barras e joias. Isto seria o anúncio de um futuro promissor sobre a exploração daquelas terras. E, muito embora o próprio Colombo alertasse sobre as dificuldades enfrentadas para o avanço sobre o território, os espanhóis ultrapassavam todos os “obstáculos” para conseguir o seu tão almejado ouro. Desta forma, multiplicou-se o número de expedições em todas as direções do continente, o que não resultou, necessariamente, em explorações bem sucedidas, já que o ouro não estava sendo encontrado com tanta facilidade. O resultado disso seria a implantação de uma economia sustentada na força de trabalho indígena, com base na exploração de minérios, e que mais tarde seria marcada por revoltas,

motins e massacres sucessivos. Desta forma, violentamente, os conquistadores europeus passam a dizimar as populações nativas das Américas.

Dentre as expedições que obtiveram êxito na sua busca por riquezas, destacam-se as comandadas por Cortez e Pizarro. O segundo ciclo da conquista americana ficaria marcada pelos confrontos entre espanhóis e as civilizações Inca e Asteca, já em terras mexicanas, onde Cortez se depara com um grau de organização completamente distinto daquele encontrado em outras partes onde expedicionários espanhóis ancoraram anteriormente. Estas civilizações, diferentes dos indígenas encontrados nas primeiras expedições, possuíam culturas que utilizavam com frequência o ouro em seus rituais. Sirlei relata que Montezuma, um dos grandes imperadores Astecas, foi alvo da cobiça de Cortez, tornando-se seu prisioneiro, ordenando que lhe fosse revelada a fonte de todo o ouro que aquele império acumulava. Isto descambaria no avanço das expedições por outras terras da América, mesmo sem o esperado êxito na busca por estas fontes de riqueza.

Por sua vez, Pizarro depara-se com o poderio e a prosperidade material dos Incas, conforme as próprias palavras da autora. Em um empreendimento audacioso, Pizarro daria início à conquista do Império do Sol, onde a relação dos Incas com o ouro era completamente diferente daquela com que aquela civilização se deparava naquele momento: em oposição, o “homem branco” aparentava-se completamente dominado pelos desígnios do metal precioso.

A expansão se dá, neste período, do México até o Peru, com a conquista do Cuzco. A partir deste avanço, instala-se a terceira fase da conquista europeia sobre as terras ameríndias e consolida-se o tão difundido mito do *El Dorado*, a partir do que os espanhóis encontram nas civilizações pré-colombianas. A fama da riqueza de Cuzco percorreu a Europa e, segundo Sirlei, o desejo renovado dos europeus deu continuidade às impetuosas expedições. Tendo o *El Dorado* como referência máxima nesta terceira fase, os europeus deslocavam-se por terras das atuais Colômbia, Venezuela e Amazônia, onde se evidenciavam as diferenças entre as concepções europeias e americanas sobre o ouro, baseadas em visões de mundo completamente opostas. Enquanto de um lado, havia a cobiça em torno da riqueza e do poderio representado pelo ouro; por outro, as relações estabelecidas com o metal eram mais complexas, alinhadas a rituais e à religiosidade das civilizações americanas. O certo é que, mesmo diante de inúmeras oposições, resistências e obstáculos impostos pelo meio natural, os conquistadores foram gradativamente se apoderando das riquezas encontradas na região. E consolidam, segundo a autora, a visão de uma América como uma espécie de *velocino de ouro*, criada sob o imaginário do fantástico, concebido pela Europa, desde a Baixa Idade Média até o início da Renascença.

Nas conclusões, a autora mostra, mesmo com algumas diferenças fundamentais entre épocas, que o ouro permanece como elemento central no projeto de expansão e dominação executado pela Europa. Neste contexto, reforça que a imaginação e a busca pelo ouro estão entre as grandes responsáveis pela conversão da América em Terra Prometida. Neste sentido, conclui que “desde o início, o descobrimento e a conquista da América fundem-se, confundem-se com a procura do *Eldorado*, tendo o ouro como um dos signos mais emblemáticos da relação entre forças materiais e forças espirituais”. Parafrazeando Dorita Nouhaud, sobre o mito do Eldorado: “O mesmo Salvador Dalí em seu quadro *O sonho de Cristóvão Colombo*, pintado para um bilionário americano, imagina/descobre/interpreta o Novo Mundo como o país do OURO”. Sirlei provoca uma reflexão sobre a reprodução de determinadas visões desta América do Ouro sobre as Américas reais, onde as contradições entre o “sublime e a maldição” são ainda hoje vivenciadas pelas sociedades sul-americanas. Mas com outros “ouros”, evidentemente.

Texto submetido à Revista em 30.02.2011
Aceito para publicação em 31.05.2012